

**A EPIPOLESIS – RECEÇÃO DE UM DISCURSO  
DE ORIGEM HOMÉRICA PELA HISTORIOGRAFIA  
PORTUGUESA DE QUINHENTOS<sup>1</sup>**

**EPIPOLESIS – THE RECEPTION OF A DISCOURSE  
OF HOMERIC ORIGIN BY THE PORTUGUESE HISTORIOGRAPHY  
OF THE SIXTEENTH CENTURY**

**LUÍS MIGUEL HENRIQUES**

Instituto Politécnico de Portalegre  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra  
luduvicus.m@gmail.com

Artigo submetido a 06-06-2016 e aprovado a 30-01-2017

**Resumo**

Este artigo aborda, de forma breve, a receção de um tipo de discurso que remonta à épica homérica pela historiografia portuguesa do século XVI: a *epipolesis*. Numa época de emulação, os historiógrafos quinhentistas fizeram das suas obras não só repositórios da memória passada, mas também composições elevadas e eruditas em que a retórica desempenhou um papel determinante. Tal como na Antiguidade, assiste-se à progressiva dramatização das obras historiográficas, com a inserção de impressivas descrições de batalhas e de discursos, como a *epipolesis*. Na circunstância, este tipo de discurso imprime *enargeia* às *ekphraseis* em que se enquadram, já que um capitão, proferindo um discurso exortativo enquanto avança pelas alas do seu exército, contribui não só para a consagração do seu estatuto de ótimo general, como provoca comoção nos leitores destas narrativas. Assim, do

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ponto de vista metodológico, um *corpus* de discursos identificado na historiografia portuguesa quinhentista é analisado tipológica e diferenciadamente de acordo com fatores como a superfície terrestre ou marítima em que os ditos discursos são pronunciados. Em seguida, o mesmo *corpus* será analisado de acordo com os princípios metodológicos aplicados por Longo (1983) aos discursos de Tucídides que, atendendo à sua pronúncia, podem ser unitários ou diferenciados dependendo da homogeneidade ou heterogeneidade qualitativa do auditório.

**Palavras-chave:** *epipoleis*; historiografia; retórica; exemplaridade; século XVI.

### **Abstract**

This article briefly discusses the reception of a type of discourse that goes back to the Homeric epic by the Portuguese historiography of the sixteenth century: *epipoleis*. In an age of emulation, the sixteenth-century historiographers have made of their works not only repositories of past memory, but also high and erudite compositions in which rhetoric played a determining role. As in antiquity, one witnesses the progressive dramatization of historiographical works, with the inclusion of impressive descriptions of battles and discourses, such as *epipoleis*. In fact, this type of speech prints *enargeia* to *ekphraseis* in that fall, as a captain, giving a hortatory speech while advancing the wing of his army, contributed not only to the consecration of its great general status as causes commotion in readers of these narratives. Thus, from a methodological point of view, a *corpus* of discourses identified in the 16th century Portuguese historiography is analyzed typologically and differently according to factors such as the terrestrial or maritime surface in which the said discourses are pronounced. Then, the same *corpus* will be analyzed according to the methodological principles applied by Longo (1983) to Thucydides' speeches which, depending on their pronunciation, can be unitary or differentiated depending on the homogeneity or qualitative heterogeneity of the auditorium.

**Keywords:** *epipoleis*; historiography; rhetoric; exemplary; century XVI.

## **1. A *epipoleis***

Em finais de 2004, estreou o filme *Alexander*, superprodução cinematográfica dirigida por Oliver Stone, sobre a biografia do exemplar general da Antiguidade, Alexandre, o Grande. Decorridos cerca de 45 minutos da película, o espectador assiste aos prolegómenos da Batalha de Gaugamela (331 a. C.), cujo protagonista, interpretado por Colin Farrell, à medida que vai percorrendo a cavalo as falanges do seu numeroso exército, inicia uma série de exortações, sendo as primeiras, individuais, dirigidas a alguns soldados a quem nomeia, enquanto as derradeiras, preenchidas com tópicos gerais de incentivo ao combate, se destinam, agora, à generalidade das tropas.

Desconhecendo as fontes historiográficas utilizadas tanto pelo realizador como por Robin Lane Fox, o redator do guião do filme, acreditamos, contudo, que a inserção deste tipo de alocução militar no âmbito geral daquela cena não foi fruto do acaso. Na verdade, de acordo com a tradição retórico-literária antiga, este tipo de discurso proferido por um general, enquanto percorre as azas do seu exército, que pode compreender uma ou várias exortações a indivíduos ou companhias militares, é designado por *epipoleis* e assume-se como o expoente máximo do comportamento heroico de um protagonista, como vamos demonstrar no decurso deste trabalho. Trata-se, pois, de um discurso altamente impressionante que atesta a ascendência da retórica sobre a historiografia antiga, de tal modo que, se, no passado, comovia os leitores de tais obras, no presente, não deixa de emocionar os cinéfilos e concorre para a espetacularidade da cena, como é bem visível no filme.

Ora, um dos historiógrafos antigos que se focam na figura de Alexandre é Quinto Cúrcio Rufo. Precisamente, nas *Historiae Alexandri Magni Macedonis*, Cúrcio facultou-nos uma pormenorizada descrição da Batalha de Gaugamela acompanhada da parelha de arengas contrapostas de Alexandre e de Dario. No *engarce/setting*<sup>2</sup> prévio que introduz o discurso do general macedónio, lê-se que *duces et proximum quemque interequitans adloquebatur*,<sup>3</sup> ou seja, percorrendo a cavalo as falanges do exército, exortava os generais e aqueles que lhe ficavam mais próximos. O que importa relevar é que a arenga militar de Alexandre ali é anunciada quer por um verbo de movimento (*interequito*), quer por um verbo declarativo (*alloquor*), facto que, segundo a tradição retórico-historiográfica antiga, enquadra tipologicamente este discurso numa *epipoleis*.<sup>4</sup>

Ora, é precisamente a repetição sistemática da combinação de exortação com movimento ao longo da historiografia greco-latina que leva Carmona Centeno<sup>5</sup> a propor a existência de uma verdadeira “fórmula introdutória” da *epipoleis*. Segundo este investigador, a opção pela designação de “fórmula” advém do facto de que a *epipoleis* se anuncia, no *engarce* inicial, com regularidade e de forma repetida, pelo menos, por meio do recurso a

---

<sup>2</sup> Com o termo “engarce” ou “setting” são designadas aquelas palavras ou frases com as quais os historiadores introduzem e encerram as intervenções oratórias (*verba*) em discurso direto (*oratio recta*) ou indireto (*oratio obliqua*) na linha narrativa da sua história. Cf. Iglesias Zoido 2008: 40.

<sup>3</sup> Curt. 4. 13. 38.

<sup>4</sup> Cf. Iglesias Zoido 2008: 538.

<sup>5</sup> Carmona Centeno 2008: 64.

dois verbos: um verbo de ação que implica movimento e outro de caráter exortativo ou declarativo.

O episódio de Alexandre, na obra de Cúrcio, remete para o arquétipo de *epipoleis*<sup>6</sup> que ocorre no Canto 4 da *Iliada*: Agamémnon, à medida que percorre a pé as fileiras do exército, detém-se junto de alguns contingentes de tropas a quem dirige arengas personalizadas:

“Mas ele próprio **percorreu** a pé **as fileiras de homens**.  
E àqueles dentre os Dânaos de velozes poldros que ele visse  
apressados, junto desses **parava para os encorajar com palavras**.”<sup>7</sup>

Um pouco mais adiante, enquanto procede à mesma revista das tropas, Agamémnon aproxima-se, desta vez, dos Cretenses, liderados pelo fogoso Idomeneu, e profere-lhe uma arenga individual:

“Com tais comandos **percorria as fileiras dos homens**.  
E ao percorrer a turba de homens chegou aos Cretenses,  
Que vestiam as armas em volta do fogoso Idomeneu.”<sup>8</sup>

Nestes dois exemplos, a forma verbal empregada para expressar a ação de percorrer as filas de homens levada a efeito por Agamémnon é *epepoleito*<sup>9</sup>, forma verbal pertencente ao verbo *epipoleomai*, que significa *passar em revista, inspecionar as tropas*<sup>10</sup>. Será, justamente, a partir deste verbo que, séculos depois, Estrabão aplicará pela primeira vez o termo *epipoleis*, referindo-se objetivamente àquele episódio de Agamémnon pronunciar diferentes arengas enquanto percorria as fileiras de soldados (*kai en te epipolesei o Agamemnon*).<sup>11</sup> De igual modo, também Plutarco denomina a mesma situação com idêntico termo (*palin tou Agamemnonos en te epipolesei ton Diomeden loidoresantos*).<sup>12</sup> Se, na Antiguidade, o termo

---

<sup>6</sup> Sobre os antecedentes homéricos da *epipoleis*, veja-se o estudo de Keitel (1987).

<sup>7</sup> Hom., *Il.*, 4. 231-233.

<sup>8</sup> Hom. *Il.*, 4. 250-252.

<sup>9</sup> Hom. *Il.* 4. 231: *autar o pezos eon epepoleito stikas andron* e 4. 250: *os o ge koiraneon epepoleito stikas andron*.

<sup>10</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 15 e 2014: 29-182.

<sup>11</sup> Str. 9. 1. 10.

<sup>12</sup> Plu. *Mor.* 29a.

*epipoleis* se reportava exclusivamente ao episódio de Agamémnon, os estudiosos atuais estendem este termo a todas as arengas, não só da *Iliada*, como da historiografia, que exibem características similares: um chefe militar que exorta as tropas enquanto se movimenta pelas respetivas fileiras.<sup>13</sup>

Como acabámos de ver, estamos a falar de um tipo de discurso que, tendo a sua origem na épica homérica, rapidamente foi acolhido pela historiografia<sup>14</sup>, uma vez que, sobretudo a partir da épica imperial, se assistiu a uma transferência biunívoca de conteúdos entre a épica e a historiografia: enquanto a historiografia cedeu à épica a temática guerreira, a historiografia recebeu da épica o estilo elevado e grandiloquente, sendo ambas atraídas pela retórica. Pelas suas características impressionantes, a *epipoleis* encontrou amplo acolhimento nas obras de historiadores clássicos como Tucídides, Xenofonte, César, Tito Lívio, entre outros, mas também bizantinos e renascentistas, sendo, também, por esta via, um recurso explorado no grande ecrã.

Assim, neste artigo, temos como objetivo central analisar a receção da *epipoleis* pela historiografia portuguesa de Quinhentos<sup>15</sup>, identificando os contextos que favorecem a sua inserção na narrativa dos feitos, assim como os referentes clássicos que lhe servem de modelo, entre outros aspetos que atestam a sua relevância na aproximação que a historiografia fez à retórica no século XVI. Para o efeito, tomamos por base de estudo um *corpus* de uma vintena de discursos que identificámos entre a vasta historiografia portuguesa quinhentista.

## 2. Superfície em que se desenvolve a *epipoleis* (terra ou mar)

O primeiro critério para classificar a *epipoleis* relaciona-se com a identificação da superfície em que é proferida, se em cenário terrestre, a pé ou a cavalo, ou marítimo, situação esta que levará o orador a movimentar-se a bordo de uma pequena embarcação. É importante perspetivar a *epipoleis* sob este enfoque de análise, já que nos permite compreender o grau de adaptação deste tipo de arenga a contextos narrativos inovadores, bem como apreender a idiosincrasia da arenga historiográfica portuguesa.

---

<sup>13</sup> Cf. Carmona Centeno 2014: 3.

<sup>14</sup> Cf. Os estudos gerais sobre a presença de discursos na historiografia de Fornara 1983, Grant 2003 e Marincola 2007.

<sup>15</sup> Cf. Henriques 2013 sobre a receção de diferentes tipos de arenga pela historiografia portuguesa do século XVI.

### 2.1. *Epipolesis* a cavalo ou a pé

A maioria (14) das *epipolesis* registadas no *corpus* desenrola-se em cenário terrestre, ainda que em algumas das alocações não seja possível, num primeiro momento, apurar se o emissor discursa em posição equestre ou simplesmente a pé, à medida que percorre as filas de soldados. Na verdade, por falta de informação precisa dos *engarces* que abrem ou encerram os discursos, é necessário atendermos ao contexto narrativo envolvente, como sucede no exemplo da *epipolesis* pronunciada por Afonso Henriques, nos campos de Ourique:

“Não cessava o Príncipe em ordenando as azes, e depois de ordenados, correndo por todos a anima-los, e esforça-los, chamando-os por seus nomes, trazendo-lhe á lembrança o que lhes tinha falado, e encomendado, e nelles cabia fazer, e assi desde que o Sol sahio, e ferio nas armas dos Christãos, maioritariamente indo acompanhados da graça de Deos resplandeciam e reluziam tão grandemente, que ainda que poucos fossem, não havia poder maior que os não temesse.”<sup>16</sup>

A forma verbal empregada – “correndo” – não permite elucidar se a corrida do então príncipe se fez de um ou de outro modo. Se atentarmos, porém, à totalidade do contexto narrativo envolvente, verificamos que o narrador, momentos antes da formatura das tropas, nos fornece o catálogo das tropas portuguesas: distribuídos por quatro azes, estavam dez mil homens de pé e mil homens de cavalo, onze mil homens, no cômputo geral. Numa frase pode ler-se, ainda, que “na primeira az hia ho Príncipe com muy bõos cavaleiros”. Em face do número de tropas e do facto de o príncipe estar acompanhado de cavaleiros, podemos supor que ele se terá movimentado a cavalo por aquela multidão, enquanto a exortava.

De modo idêntico, na crónica anónima *Jornada del rei D. Sebastião à África*, o narrador declara-nos que, no decurso da Batalha de Alcácer Quibir, o capitão Aldana, vendo que as tropas árabes iam cercando o exército português, lembrou a D. Sebastião que este devia reforçar o ânimo dos soldados. Deste modo o rei, discorrendo pelos seus, exortava-os com palavras brandas:

---

<sup>16</sup> Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, 16.

“Vendo o capitam Aldana que acaso se achou perto del Rey, o sucesso que as cousas prometiam lhe lembrou que em pessoa devia de animar os seus porque era tempo, ao que o Rey Satisfez **discorrendo** pellos de seus exercito, exortando a todos com palavras brandas.”<sup>17</sup>

O que interessa aqui sublinhar é que o verbo que mais frequentemente é aplicado pelos narradores nas *epipoleseis*, para sugerirem a movimentação dos heróis pelas tropas, é o verbo “discorrer”. Este verbo deriva etimologicamente do verbo latino *discurro*, tendo o significado de “correr em várias direções” e está documentado na língua portuguesa desde o século XIV.<sup>18</sup> Em termos metafóricos, poderá ter também a aceção de “discursar; dissertar”. É, pois, um termo feliz que amalgama a fórmula introdutória da *epipoleisis*, movimento e exortação. No exemplo acima, o significado ajusta-se ao percurso do rei, realizado por entre os soldados, já que o verbo de exortação está bem explícito no *engarce*, através da forma verbal conjugada no gerúndio “exortando”. Tal como sucedera no exemplo da *epipoleisis* de Afonso Henriques, também agora não podemos perentoriamente afirmar se o giro de D. Sebastião foi efetuado a cavalo ou a pé, se bem que, atendendo ao contexto narrativo e à situação, possamos alvitrar que o rei pronunciou o discurso em posição equestre.

Ao contrário destes exemplos, os dois seguintes apresentam *epipoleseis* manifestamente proferidas por um orador montado num cavalo. O primeiro caso, colhido da obra de António Vaena, mostra-nos D. Sebastião a animar os soldados, enquanto discorre pelos esquadrões:

“Com isto, mandou elrei cada coronel á sua estancia, e discorrendo pelos esquadroens, com o rosto alegre e confiado, dava animo aos soldados.”<sup>19</sup>

Embora nesta referência a *epipoleisis* nada nos permita afirmar que D. Sebastião se terá movimentado em cima de um cavalo, em todo o caso devemos focar-nos no sintagma inicial, “com isto”. O demonstrativo “isto” tem como referente a anterior arenga de D. Sebastião que acabara de ser proferida exclusivamente diante dos coronéis e restantes membros do conselho, de maneira que este sintagma não é mais do que o *engarce* final

---

<sup>17</sup> *Jornada de el rei D. Sebastião à África*, 2. 3.

<sup>18</sup> Cf. *Dicionário Houaiss*, Tomo 7, 3024.

<sup>19</sup> António Vaena, *Crónica de El Rei D. Sebastião*, 64.

dessa arenga restritiva. Assim sendo, se retrocedermos até ao *engarce* inicial dessa primeira arenga pronunciada pelo monarca aos coronéis, ficamos a saber que ele discursa montado num formoso cavalo:

“Antes que elrei abalasse o seu exercito pera o imigo, (que estava á vista) vestido de ponto em branco, com humas armas azuladas, **posto em hum cavallo** mui formoso acobertado, com a lança na maõ com o conto no chaõ, e o elmo alevantado, mandou chamar o mestre de campo e os coronéis, aos quais e aos senhores e fidalgos, que alli estavaõ com elle, lhes disse (...).”<sup>20</sup>

Finda aquela arenga, o soberano mandou cada coronel à sua companhia e ele próprio, a cavalo, naturalmente, percorreu os esquadrões, a fim de animar todos os soldados.

Por sua vez, no exemplo seguinte, D. João de Castro, também a cavalo, exorta os soldados, à medida que percorre o exército em marcha:

“O Governador hia em hum palaquim de que em lhe dando as novas saltou logo fora, e **cavalgou em hum formoso cavallo melado**; e tomando huma lança, e adarga, correo por todo o exército muito rizonho, dizendo a todos (...).”<sup>21</sup>

Note-se a intenção estilística do narrador em caracterizar duplamente o “formoso cavallo melado” do vice-rei.

Importa, contudo, sublinhar que a *epipoleis* equestre, na historiografia portuguesa de Quinhentos, apresenta reduzidos casos, afastando-se, portanto, das congéneres greco-latinas, que, maioritariamente, são proferidas a cavalo. Finalmente, note-se que este tipo de *epipoleis* a cavalo é proferido antes das respetivas batalhas.

Uma outra possibilidade que assiste ao protagonista é a de proferir apeado a *epipoleis*. Ora, se, na literatura antiga, encontramos narradores/ autores que, em determinados contextos narrativos e por motivos ideológicos ou outros, tendem a deixar bem claro que foi a pé que determinado protagonista efetuou a *epipoleis*,<sup>22</sup> já na historiografia portuguesa, as *epipoleis* efetuadas a pé são mais sugeridas contextualmente do que

<sup>20</sup> António Vaena, *Crónica de El Rei D. Sebastião*, 64.

<sup>21</sup> Diogo do Couto, *Década Ásia*, 6. 5. 10.

<sup>22</sup> Na *Iliada*, salvo uma ocasião em que Heitor percorre num carro o exército troiano para o exortar (*Il.* 15. 352-3), todas as *epipoleis* são a pé. O melhor exemplo de uma

verbalmente afirmadas. Compete ao próprio leitor imaginar/visualizar a postura apeada do herói que discorre e discursa pela multidão combatente. Vejamos um exemplo:

“D. Álvaro e **correndo pessoalmente todos os lugares da peleja e da subida, animando os cavaleiros com suas boas palavras** e ajudando-os a subir e a pelejar com todo o cumprimento suficiente que comum é a cargo de capitão e obrigação de cavaleiro.”<sup>23</sup>

Nesta referência a *epipolesis*, vemos D. Álvaro de Castro “correndo” todos os lugares da peleja, com o propósito de animar e ajudar os soldados na refrega, depreendendo-se, pelo contexto, que se trata de um movimento pedestre, como sucede com o exemplo infra da *Iliada*. Apesar de tudo, o narrador utiliza o advérbio “pessoalmente” para destacar que aquele protagonista percorreu as tropas para, em pessoa, lhes arengar.

Como pudemos observar, na historiografia portuguesa, existe uma enorme variedade na forma como os capitães e demais oradores percorrem as tropas em terra, a cavalo, sendo a mais comum a posição apeada, facto que decorre do tipo de guerra praticado, na época, pelos Portugueses.

Para encerrar este critério de classificação, cumpre agora olharmos para um tipo de *epipolesis*, com grande tradição historiográfica, em que o capitão percorre a sua armada a bordo de uma pequena embarcação.

## 2.2 *Epipolesis* no mar a bordo de uma pequena embarcação

Embora possa parecer inverosímil que um capitão para animar os seus homens efetue uma *epipolesis* no mar, percorrendo a sua frota numa pequena embarcação, contudo, no *corpus* registamos a presença de três *exempla*. A origem deste modelo discursivo encontramos-la na historiografia antiga.

---

*epipolesis* pedestre coincide com a grande *epipolesis* de Agamémnon (Canto 4), em que o Atrida, abandonando os cavalos, percorre a pé os diferentes contingentes do exército:

“Deixou os cavalos e o carro com variegados adornos de bronze;  
e à distância os cavalos arfantes retinha seu escudeiro,  
Eurimedonte, filho de Pireu, filho de Ptolomeu,  
a quem ordenou que os mantivesse perto, para quando  
o cansaço lhe tomasse os membros ao dar as ordens às tropas.  
Mas ele próprio **percorreu a pé** as fileiras de homens.  
E àqueles dentre os Dânos de velozes poldros que ele visse  
apressados, junto desses parava para os encorajar com palavras:”

<sup>23</sup> Leonardo Nunes, *Crónica de D. João de Castro*, 38.

O primeiro caso claro deste tipo de *epipolesis* encontra-se na *Bibliotheca Historica* de Diodoro. Nos preliminares da batalha naval entre Atenenses e Sicilianos, Nícias subiu para um barco e assim percorreu os trirremes da sua armada. Passando diante de cada trirreme ateniense, dirige-se ao respetivo trierarco pelo seu nome e profere-lhes uma arenga em discurso indireto.<sup>24</sup> A partir daqui, vários são os historiadores gregos que inserem exemplos de *epipolesis* a bordo de uma nau, geralmente em obras que abordam feitos da história romana.

Importa, pois, vincar que este tipo de *epipolesis* acabou por fazer a sua aparição em diversas obras historiográficas de diferentes épocas, devendo-se tal facto sobretudo à recriação deste tópico literário por cada um dos diferentes historiadores, uma vez que não parece provável que esta *epipolesis* específica pudesse produzir-se efetivamente em contexto militar real, devido a condicionantes logísticas, naturais e outras. Os historiadores de Quinhentos incorporaram também a *epipolesis* naval nas suas obras, nomeadamente aqueles que se dedicaram a historiar os acontecimentos ultramarinos. Um dos exemplos mais paradigmáticos encontramos-lo na obra de Diogo do Couto, historiador que soube aliar muito bem os conhecimentos adquiridos enquanto soldado com a erudição clássica.

Foi assim que a armada portuguesa capitaneada pelo governador da Índia Lopo Vaz de Sampaio (1526-29) avistou a esquadra inimiga ancorada no porto de Bombaim. Imediatamente, Sampaio, embarcando-se num navio ligeiro, navegou por todas as fustas<sup>25</sup> e fez a todos uma exortação, apresentada em discurso indireto:

“O Governador amanheceo sobre Bombaim, aos seis de Fevereiro, que foi ao outro dia logo, em que cayo dia de Çinza e o ouverão vista da armada do imigo, que estava na ponta d’aquella barra. O Governador meteose em hum navio ligeiro, e **foi correr as nossas fustas, e fez a todos hũa muito breve fala.**”<sup>26</sup>

Importa fazer uma análise à estrutura tripartida do *engarce* que anuncia a *epipolesis* marítima, porque ele encerra literariamente, do mais elucidativo e claro que existe, a este nível, na historiografia portuguesa.

<sup>24</sup> D. S. 13. 15. 1-3. Cf. Carmona Centeno 2008:316.

<sup>25</sup> Embarcação ligeira de trinta remadores e outros tantos soldados.

<sup>26</sup> Diogo do Couto, *Ásia*, 4. 5. 5.

Repare-se que o narrador começa por informar que o governador, em pessoa, se embarcou num pequeno navio “O Governador meteose em hum navio ligeiro”. Ato seguinte, surge a fórmula introdutória da *epipoleis*, constituída por um verbo de movimento como núcleo de uma oração que declara que o governador, metido naquele pequeno barco, passou pelas fustas portuguesas “e foi correr as nossas fustas” com o objetivo de a todos fazer uma breve exortação, como as condições permitem. De maneira que, com a oração final que tem implícito um verbo de dicção: “e fez a todos hũa muito breve fala”, completa-se a fórmula tipologicamente requerida pela *epipoleis*.

O exemplo seguinte, presente na obra de Jorge de Lemos, é, ao nível da retórica militar, uma das mais belas páginas da historiografia portuguesa. O capitão é Tristão Vaz da Veiga, sendo a narração desta *epipoleis* um verdadeiro elogio ao comportamento deste herói dos cercos de Malaca, que aqui surge a desempenhar eficazmente o papel de ótimo capitão. Informado de que a armada inimiga se encontrava próxima, abandonou a sua nau, meteu-se numa galeota e foi animar os soldados pelas demais embarcações. O episódio é todo ele simbólico e tem por detrás uma intenção clara de o capitão se tornar companheiro dos seus homens. Como declara o narrador, o ato de descer da torre da sua nau para uma galeota e de se igualar com os restantes combatentes tem como consequência a galvanização das tropas. De facto, afiança o narrador, de pouco valeria aos soldados, em perigo tão manifesto, um capitão animoso encerrado no alto na sua nau, se não o vissem com os olhos ali junto aos navios remos. Como se pode ver, é uma das mais exemplares páginas da retórica historiográfica de Quinhentos:

& levãdose em rōpendo a menhã nauegou pera o rio Formoso, por lhe afirmarẽ as espias que estaua nelle a armada imiga. Tanto que a descobrio uio assomar a dianteira della que seria de vinta tantos nauios ligeiros; & deixado a Manoel Ferreira por capitão de sua nao, se meteo em hũa galeota das que cõsigo leuaua, pera ordenar a sua armada & animar os soldados porque vendo entre si tão companheiro como cada qual dos cada hũ tinha pera remedio peculiar do trabalho que lhes sobreviesse, pelejassem mais cofiados & principalmẽte por lhes dar a entẽder, visto como estavão depẽdurados de seu bõ ou mao sembrãte, que não era tão espantoso o imigo, como se em Malaca pintava; pois queria acharse cõ eles, não só como seu capitão mor, mãdãdo de sua nao, senão tâbẽ como soldado pelejado nũa galeota cõ a espada na mão. Porque à verdade em perigo tão manifesto pouco mõtara terẽ estes soldados

capitão mor animoso metido na torre dũa nao, se o não vissem cõ os olhos no raso dos navios de remo.<sup>27</sup>

Todos os casos de *epipoleis* no mar da historiografia portuguesa aqui vistos revelam uma crescente adaptação a contextos narrativos inovadores e atestam, portanto, uma recriação literária cada vez mais apurada pelos historiadores, afastando, no entanto, a narrativa do verosímil. Em suma, a *epipoleis* marítima converte-se num rico recurso literário que vem aumentar a comoção de um episódio que já de si não estava isento dele.

### **3. Forma discursiva da arenga segundo o processo de emissão e receção da mensagem**

Pretendemos agora avaliar se o capitão, enquanto percorre as fileiras de tropas, pronuncia um ou vários discursos, diferenciando-o de acordo com as distintas companhias do exército. Baseamo-nos para tal nos conceitos e na terminologia sobre a composição e a decomposição dos discursos que o estudioso italiano, Oddone Longo,<sup>28</sup> aplicou à obra de Tucídides. Com efeito, Longo, neste seu trabalho sobre o auditório interno dos discursos tucididianos, classifica-os de acordo com o critério de o general, enquanto procede à revista de tropas, pronunciar, diante de grupos, contingentes ou membros isolados, sucessivas alocações. Decorre daqui que as arengas que se profiram serão, então, unitárias ou diferenciadas relativamente ao conteúdo, segundo a homogeneidade ou heterogeneidade qualitativa do auditório.

Podem, assim, ocorrer várias combinações de discursos de que podemos evidenciar, a título de exemplo, a “*epipoleis* com decomposição”, quando o mesmo discurso é repetido em diferentes lugares e a distintas partes do auditório, enquanto, por outro lado, a “decomposição com *epipoleis*” se caracteriza pelo facto de o orador discursar várias vezes, em diferentes pontos e com argumentos díspares a distintas companhias do seu exército. Além destas, outras combinações são possíveis, como veremos de seguida, ao aplicarmos este esquema teórico ao *corpus* discursivo português.

---

<sup>27</sup> Jorge de Lemos, *História dos Cercos de Malaca*, 9.

<sup>28</sup> Cf. Longo 1983.

### 3.1 *Epipolesis* simples

Tal como sucede na historiografia antiga, também, na historiografia portuguesa, a *epipolesis* simples é a que assume maior destaque neste tipo discursivo. Na verdade, ao contrário da épica, na historiografia, a alocação do capitão proferida durante a revista de tropas privilegia a globalidade da mole militar em detrimento da particularização de coortes ou até de membros individuais do exército. De maneira que, em muitas ocasiões, a *epipolesis* simples acaba por coincidir com a fórmula básica introdutória da *epipolesis*, já que, no seu percurso ao longo das azes do exército, o herói não discrimina, qualitativa ou quantitativamente, qualquer delas, na sua alocação. Resulta daqui que a *epipolesis* simples pode anunciar-se unicamente por meio de um verbo de movimento e outro de exortação ou de dicção.

“O Governador hia em hum palaquim de que em lhe dando as novas saltou logo fora, e cavalgou em hum formoso cavallo melado; e tomando huma lança, e adarga, **correo por todo o exército** muito rizonho, **dizendo a todos** (...)”<sup>29</sup>

“Com isto, mandou elrei cada coronel á sua estancia, e **discorrendo pelos esquadroens**, com o rosto alegre e confiado, **dava animo aos soldados**.”<sup>30</sup>

“O Governador meteose em hum navio ligeiro, e foi **correr as nossas fustas**, e fez a **todos hũa muito breve fala**.”<sup>31</sup>

A *epipolesis* simples é a mais recorrente no *corpus*, contando-se nove ocorrências. Este tipo de *epipolesis* é mais característico da historiografia do que da épica, tanto da historiografia portuguesa como da greco-latina. Com efeito, no processo de movimentação pelas filas das tropas, o protagonista militar, ao privilegiar no seu discurso a massa militar em detrimento da especificação individual ou seccional, acaba por se adequar mais ao verosímil, ajustando-se melhor ao conceito de verdade conotado com o género histórico. Por outro lado, com este tipo de *epipolesis*, os historiadores concorrem para que se mantenha o equilíbrio entre *res* e *verba*, não surpreendendo, portanto, que seja o mais frequente em toda a historiografia.

---

<sup>29</sup> Diogo do Couto, *Ásia*, 6. 5. 10.

<sup>30</sup> António Vaena, *Crónica de El Rei D. Sebastião*, 64.

<sup>31</sup> Diogo do Couto, *Ásia*, 4. 5. 5.

### 3.2. *Epipolesis* com decomposição do auditório

A *epipolesis* com decomposição do auditório conta com duas ocorrências no *corpus* historiográfico. Digamos que este tipo de *epipolesis* fica a meio caminho entre a *epipolesis* simples e a *epipolesis* com decomposição do auditório e do conteúdo, porque, embora exista uma informação muito clara de que o protagonista, no decurso da sua circulação, pronunciou várias exortações a indivíduos ou a pequenos grupos, a verdade é que esse facto não se encontra materializado em diferentes discursos, mas sim num só que funciona como um sumário. Para que o leitor possa reconhecer esta evidência, geralmente, vêm associados à fórmula básica introdutória outros elementos distintivos que denunciam “distribuição” ou “repartição”.<sup>32</sup>

O exemplo que a seguir apresentamos provém do opúsculo de Diogo de Teive:

“Mascarenna cum octo militibus in subsidium venit, sacerdote Christi crucifixi imaginem seu vexillum praeferente, ac nunc singulos, nunc universos magno clamore ad pugnam hortante eius auspiciis pugnarent, qui ut omnibus vitam daret, unus mori voluit, cuius ductu nec de victoria esse desperandum nec mortem timendam;

Mascarenhas acorre em socorro com oito soldados; à frente, um sacerdote, com a imagem de Cristo crucificado, como um estandarte, a exortar com grandes clamores, ora a cada um em particular, ora a todos em geral, a que combatessem sob patrocínio d’Ele, pois, para dar a vida a todos, quis, sozinho, morrer, e clamava que, sob o seu comando, nem há que desesperar da vitória nem há que temer a morte;”<sup>33</sup>

Num momento de aperto por que passam as tropas portuguesas nos combates de Diu, o capitão Mascarenhas acorreu a um local onde havia vítimas e desânimo. Levava consigo oito soldados e um sacerdote que, empunhando um crucifixo, procurava reanimar os sobreviventes e restituí-los à guerra, exortando-os a seguirem o exemplo de martírio do próprio Cristo. Reconhecemos ali a fórmula básica introdutória da *epipolesis*, que reúne movimento (*venit in subsidium*) e exortação (*ad pugnam hortante*). Por sua vez, a presença de par distributivo (*singulos / universos*) reforçado pela anteposição respetiva de *nunc* (*nunc singulos / nunc universos*), todos

<sup>32</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 202.

<sup>33</sup> Diogo de Teive, *Commentarius*, 65.

dependentes do verbo exortativo (*hortante*), comprovam que a *epipolesis* é constituída por diferentes exortações dirigida a distintos grupos de soldados. Apesar de tudo, como é sabido nestes casos, apenas um discurso-súmula sintetiza as várias alocações produzidas.

Importa agora olhar com atenção para a expressão distributiva empregada por Teive (*singulos / universos*). Na verdade, ao nível deste aspeto, é evidente a intertextualidade entre a obra de Teive e as obras de alguns autores latinos. Em Quinto Cúrcio<sup>34</sup> encontramos esta mesma expressão, numa *epipolesis* de Artabazo, general de Dario. De entre as suas funções militares, contam-se as visitas às tendas dos Persas, onde os exortava e lhes chamava a atenção, ora individualmente, ora em conjunto:

“Artabazus omnibus imperatoriiis fungebatur officiiis: ille Persarum tabernacula circumire, hortari, monere nunc **singulos** nunc **universos**.”

Como se observa, *nunc singulos nunc universos* é também a expressão usada por Teive, par distributivo que, neste excerto de Cúrcio, se encontra dependente da forma verbal *monere*. Conclui-se, pois, que estamos diante um modelo literário de *epipolesis* dentro da tradição historiográfica,<sup>35</sup> ao qual não foi alheio o olhar de Diogo de Teive, ainda que o tenha adaptado a uma situação narrativa original, como sempre acontece entre os historiadores.

Atente-se, agora, num outro elemento fundamental que ajuda ao reconhecimento da *epipolesis* com decomposição do auditório, elemento esse que goza de uma grande tradição retórica tanto na épica como na historiografia. Tal facto evidencia-se quando o *engarce* inicial nos informa de que o protagonista, ao percorrer as filas dos soldados, lhes dedica exortações individuais, chamando-os pelo nome. Apesar disso, o narrador apenas proporciona um único discurso-sumário, que funciona como um apanhado das exortações produzidas. Recordemos, entretanto, o *engarce* inicial da arenga do príncipe Afonso Henriques:

“Não cessava o Príncipe em ordenando as azes, e depois de ordenados, correndo por todos a anima-los, e esforça-los, **chamando-os por seus nomes**, trazendo-lhe á lembrança **o que lhes tinha falado, e encomendado, e nelles cabia fazer**, e assi desde que o Sol sahio, e ferio nas armas dos Christãos,

---

<sup>34</sup> Curt. 5. 9. 17.

<sup>35</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 206.

maioritariamente indo acompanhados da graça de Deos resplandeciam e reluziam tão grandemente, que ainda que poucos fossem, não havia poder maior que os não temesse.”<sup>36</sup>

Como se observa, o príncipe correu as azes do exército com o objetivo de esforçar todos os soldados, dirigindo-lhes exortações particulares, chamando-os pelos seus nomes. Como quase sempre acontece, no âmbito da historiografia, é em Tucídides que surge pela primeira vez uma exortação em que os combatentes são chamados pelos nomes. Porém, tal exortação personalizada ocorre num outro tipo de arenga que não em uma *epipoleis*, mas sim numa exortação individual proferida pelo general aos seus comandantes, chamando-os pelo nome. Assim, na *Guerra do Peloponeso* contamos dois exemplos que, além do mais, fazem parte do mesmo episódio: nos preparativos para a batalha final no porto de Siracusa, o narrador informa-nos de que, para se certificar de que tinha as tropas consigo, Nícias “voltou a convocar os capitães um por um, dirigindo-se a cada um pelo nome do pai, **pelo seu próprio nome** e pelo da respetiva tribo.”<sup>37</sup> Já durante a batalha, os respetivos generais oponentes chamam pelo nome os estrategos, de cada vez que se lhes dirigem a fim de os exortar:

“Além disso, os generais, em ambos os lados, se acaso viam algum navio, nalguma parte da batalha, a recuar para a costa sem a tal ser forçado, **chamavam o capitão pelo nome** e perguntavam-lhe (...).”<sup>38</sup>

Esta narrativa, pela sua enorme intensidade dramática, acabou por ser imitada pelo devir historiográfico, do mesmo modo que a circunstância de um general chamar pelos nomes os capitães, para lhes arengar, se converteu num *topos*. Assim, Xenofonte, louvando Ciro, estabelece um curioso paralelismo entre os artesãos ou os médicos e os generais. De facto, tal como os primeiros devem conhecer os nomes dos seus utensílios e dos seus fármacos, de igual modo o general deve saber os nomes dos seus comandantes, para lhes dar ordens quando houver mister de atacar ou de animar as tropas. Por isso, Ciro sabia o nome dos seus oficiais e, quando lhes dava ordens, chamava-os pelo nome. Além do mais, pensava Ciro, quando os militares se apercebem

---

<sup>36</sup> Duarte Galvão, *Crónica de D. Afonso Henriques*, 16.

<sup>37</sup> Th.7. 69. 2.

<sup>38</sup> Th.7. 70. 8.

de que o general sabe os seus nomes, tornam-se mais empenhados na luta e pensam duas vezes antes de se macularem com atos de cobardia. Pela sabedoria do excerto, vamos transcrevê-lo:

“Ciro tinha-se exercitado nisto (saber os nomes dos seus oficiais), porque estranhava que os mecânicos soubessem os nomes dos instrumentos do seu officio, que os médicos soubessem os nomes dos instrumentos da sua arte e de todos os remédios que administram e que um general fosse tão ignorante que não soubesse os nomes dos seus oficiais, dos quais se havia de servir como instrumentos para atacar, para defender, para encorajar e para aterrorizar. Parecia-lhe que os militares, que se sabiam conhecidos do general, punham todo o empenho em desempenhar feitos de coragem no campo de batalha e não em sujar-se com acções de covardia.”<sup>39</sup>

Estudioso desta matéria, Carmona Centeno<sup>40</sup> aduz que, se nas primeiras obras históricas apenas os comandantes eram nomeados pelos generais nas exortações, à medida que avançamos no tempo, verifica-se que este tópico de chamar pelo nome para se ser exortado irá adquirindo, por influência da retórica, novos matizes até atingir a inverosimilhança. Essa evolução seguirá duas vias que acabarão por se cruzar e unir num mesmo curso: de um lado, o general chamará pelo nome os seus imediatos para os exortar à medida que percorre o exército, ou seja, executará uma *epipoleis*; já, pelo outro lado, o general acabará por, paulatinamente, saber também o nome dos soldados, até ao ponto inverosímil de os saber todos.

Em suma, alguns foram os historiadores que acabaram por inserir o tópico de chamar os soldados pelos respetivos nomes nas suas *epipoleseis*, de tal maneira que as cenas narrativas em que surgem se tornaram cada vez mais complexas, roçando, por vezes, o inverosímil. Por outro lado, o ato de chamar pelo nome desloca-se para as *epipoleseis* preparativas de batalhas, de modo a que o general possa correr as filas do exército e dirigir-se pessoalmente às tropas, chamando não só os nomes dos oficiais, como também, de maneira progressiva, também os dos soldados.

Apesar de tudo, nas *epipoleseis* historiográficas com decomposição exclusiva do auditório e ainda que o orador chame os seus interlocutores pelo nome, essas diferentes exortações nunca acabam por se materializar na apresentação de discursos *ad personam*, mas sim num único discurso-sumário

<sup>39</sup> X. 5. 3. 47.

<sup>40</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 214.

das exortações proferidas.<sup>41</sup> Por outro lado, também nas *epipoleseis* de decomposição cumulativa de auditório e de conteúdo e independentemente de o orador chamar os interlocutores pelo nome ou não, a verdade é que nunca encontramos casos em que o general arenga especificamente *ad personam*, mas sim a grupos!<sup>42</sup>

O *exemplum* atrás apresentado de António Vaena acaba por estar em linha com os *exempla* aqui aduzidos da historiografia clássica: em todos os casos em que o orador convoca os seus interlocutores pelo nome, a verdade é que esses combatentes nunca saem do anonimato, pois os *engarces* não vão além do anúncio geral de que o orador os chamou pelos nomes, jamais, porém, oferecendo os reais nomes dos guerreiros. De maneira que, em caso algum, na historiografia podemos aceder, neste contexto narrativo preciso, a um catálogo de nomes de heróis como sucede, por exemplo, com a épica.

Recuperando o *engarce* inicial da *epipoleseis* de Afonso Henriques – “Não cessava o Príncipe em ordenando as azes, e depois de ordenados, correndo por todos a anima-los, e esforça-los, chamando-os por seus nomes (...)” – encontramos nele a fórmula básica introdutória da *epipoleseis*, constituída por um verbo de movimento – “correndo” – que seleciona um complemento preposicional, identificador do alvo desse giro, “por todos”, seguido, não de um, mas de dois verbos de exortação “animar” e “esforçar” acompanhados, respetivamente, dos pronomes objeto direto, cujos referentes são os soldados. São, no entanto, os constituintes sintáticos seguintes – “chamando-os por seus nomes” – que permitem apurar que o orador ter-se-á aproximado dos soldados a quem chamou nominalmente e ter-lhes-á proferido exortações *ad personam*. Apesar de tudo, essas diversas exortações não se materializam em igual número de discursos, optando apenas o narrador por facultar um único discurso que resume o conteúdo de tais alocações.

São, pois, as variantes distintivas como “chamar pelo nome”, bem como *nunc singulos nunc universos* que permitem identificar que, quanto ao processo de emissão e receção da mensagem, nos encontramos diante de uma *epipoleseis* não só de decomposição do auditório mas também de decomposição de conteúdo.

---

<sup>41</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 220.

<sup>42</sup> Cf. Carmona Centeno 2008: 248.

#### 4. Extensão e conteúdo argumentativo

O *engarce* introdutório da arenga naval do governador Lopo Vaz de Sampaio anuncia que este se meteu numa galeota e, ao percorrer as fustas, “fez a todos hũa muito breve fala.”<sup>43</sup> De facto, atendendo ao momento e ao contexto narrativo em que são proferidas, antes ou durante o combate, essas alocações terão de ser breves, focadas na finalidade de *movere* as tropas para a guerra. Concomitantemente, estas breves arengas são, também, retoricamente pouco elaboradas, constituídas, na sua maioria, por apelos veementes à luta, à coragem, à audácia ou à confirmação da justiça da luta, desenvolvendo, portanto, apenas uma linha exortativa.

Como podemos ver, a *epipoleis* de D. João Pereira conta apenas com uma componente exortativa. Na verdade, perante o receio que os seus homens manifestaram ao avistarem a extensão do exército inimigo, aquele capitão procura valer-se de tópicos que restaurem a confiança dos homens, nomeadamente, recordando-lhes que aqueles são os mesmos mouros tantas vezes por eles desbaratados. Com o seu exemplo e a crença em Deus, o capitão acredita que a vitória está certa. Ou seja, perante um cenário muito particular de medo entre a hoste, o capitão vale-se dos tópicos da possibilidade de vitória para reacender a confiança das suas tropas. E para que as suas palavras se tornem mais credíveis e concordantes com o seu pensamento, o narrador afirma que ele passou por todos com “hum rosto mũy alegre”:

“Dom João logo entendeo, e receando que mais o desbaratasse o medo dos seus, que o poder dos imigos, foi descorrendo por todos com hum rosto mũy alegre dizendolhes: «Que he isto cavaleiros, e companheiros meus, aqui temos estes Mouros imigos de nossa ley, que são os mesmos que vos desbaratastes muitas vezes, não aja novidades, seguime que Deos he com nosco, e a vitoria está certa.”<sup>44</sup>

Como se observa neste e noutros exemplos, a exiguidade dos discursos coarta a sua profundidade argumentativa.

---

<sup>43</sup> Diogo do Couto, *Ásia*, 4. 5. 5.

<sup>44</sup> Diogo do Couto, *Ásia*, 4. 10. 5.

## Conclusões

Com este breve estudo, foi possível demonstrar que os historiógrafos do século XVI foram sensíveis à tradição retórico-literária subjacente, recriando e adaptando ao contexto quinhentista um tipo de discurso que remontava à épica homérica. Proferida antes ou durante um combate, a cavalo, a pé ou no mar, a bordo de um pequeno barco, a *epipoleis* concorre para a construção do *ethos* do general-soldado, ou seja, aquele herói que não comanda, mas que combate ao lado dos soldados. De facto, a atuação de Afonso Henriques, D. João de Castro ou de Tristão da Veiga remete imagicamente para Alexandre ou Ciro, arquétipos literários deste modelo de exemplaridade.

Importa vincar, também, que, independentemente de, na realidade histórica, os capitães poderem percorrer as tropas e exortá-las, antes ou durante um combate, a *epipoleis* enquadra-se perfeitamente no tom épico e dramático que os historiadores portugueses do Renascimento procuraram imprimir aos relatos das batalhas e, em cuja elaboração, a retórica desempenha um papel fundamental.

## Bibliografia primária

- Couto, D. (1777-1788), *Da Ásia de João de Barros e de Diogo do Couto: dos Feitos Que os Portugueses Fizeram no Descobrimento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente*, Décadas V, VI, VII, IX, X, XI, XII. Disponível em <http://purl.pt/7030> (acedido a 2/05/2016)
- Estrabão (1877), *Geographica*, Leipzig. Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/> (acedido a 26/04/2016)
- Galvão, D. (1727), *Chronica do príncipe D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal*, Lisboa Occidental, na officina Ferreyriana. Disponível em <http://purl.pt/308> (acedido a 29/04/2016)
- Homero (2010, 4.<sup>a</sup> ed.), *Ilíada*, trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia.
- Jornada del-rei D. Sebastião à África; Crónica de dom Henrique*, (1970), pref. de Francisco de Sales Mascarenhas Loureiro, Lisboa, INCM.
- Lemos, J. (1982), *História dos Cercos de Malaca*, ed. fac-similada de Lisboa: Manoel de Lyra, 1585, Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Nunes, L. (1989), *Crónica de D. João de Castro*, Lisboa, Alfa.
- Plutarco (1969), *Plutarchi Vitae Parallelae*, Leipzig.

- Rufo, Q. (1908), *Historiarum Alexandri Magni Macedonis libri qui supersunt*, Leipzig. Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/> (acedido a 28/04/2016)
- Teive, D. de (1995), *Commentarius de rebus a lusitanis in India apud Diu gestis Anno salutis nostrae MDXLVI, Relação das proezas levadas a efeito pelos portugueses na Índia, junto de Diu, no ano da nossa salvação de 1546*, Ed. fac-similada de Conimbricæ: MDXLVIII, trad. do latim de Carlos Ascenso André; notas de Rui Manuel Loureiro, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, Livros Cotovia.
- Tucidides (2008), *História da Guerra do Peloponeso*, trad., estudo militar introdutório e notas de David Martelo, Colecção Clássicos do Pensamento Estratégico, Lisboa, Edições Silabo.
- Vaena, A. (1903), *Chronica d'el-rei D. Sebastião*, Lisboa, Escriptorio.
- Xenofonte (2008), *Ciropedia, A educação de Ciro*, trad. de João F. Pereira, revisão de Maria de Fátima Penderlico e Rui Valente, Évora, Sementes de Mudança.

### **Bibliografia secundária**

- Carmona Centeno, D. (2008), *La epipólesis en la historiografía grecolatina*. Tesis doctoral en Filología Griega, Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras.
- Carmona Centeno, D. (2014), *La escena típica de la epipólesis – de la épica a la historiografía*. Roma, Edizioni Quasar.
- Fornara, C. W. (1983), *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley.
- Grant, M. (2003), *Historiadores de Grecia y Roma* (trad. de A. Guzmán Guerra). Madrid.
- Iglesias Zoido, J.C. (2008), “Retórica e Historiografia: La Arenga Militar”, in J. C. Iglesias Zoido (ed.), *Retórica e Historiografia: el discurso militar desde la Antigüedad hasta el Renacimiento*. Madrid, Ediciones Clásicas, 19-60.
- Henriques, L. (2013), *La arenga militar en la historiografía en la épica y en los tratados militares en lengua portuguesa y en lengua latina del siglo XVI*. Tesis doctoral en Estudios Filológicos, Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras.
- Keitel, E. (1987), “Homeric Antecedents to the *Cohortatio* in the Ancient Historians”, *CW* 80 (3), 153-172.
- Longo, O. (1983), “I discorsi tucididei: uditorio indiviso e scomposizione d’auditorio”, *Museum Criticum* 8, 139-159.
- Marincola, J. (2007), “Speeches in Classical Historiography”, in J. Marincola (ed), *Companion to Greek and Roman Historiography*, 118-132.